

# CIÊNCIA & ENSINO

ISSN: 1980-8631

Vol. 3 | Nº.1 Especial 18 anos gepCE | Ano 2014

## ENTRE ESPELHOS, CIÊNCIA E VIDA

Rosane de Bastos Pereira  
Jornalista, mestre e doutora em Educação pela Unicamp

### INTRODUÇÃO

Este texto trata-se de um relato de experiência de doutorado sanduíche, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, na Inglaterra (Reino Unido), de julho de 2011 a julho de 2012, com bolsa concedida pelo Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Estive como *visiting scholar* no grupo Pedagogy, Language, Arts & Culture in Education (PLACE), sob a supervisão da Prof. Dra. Maria Nikolajeva, e fui a primeira estudante brasileira a integrar esse programa na Faculdade de Educação de Cambridge.

Antes de dar sequência ao relato, quero fazer uma pequena mudança de rota e realçar que a minha ida ao exterior para desenvolver parte da pesquisa de doutorado só se tornou realidade porque o terreno foi sendo preparado aos poucos. Antes de conhecer o GepCE, onde fiz o mestrado sob a orientação do professor Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto, que também me orientou no doutorado, eu tinha experimentado uma boa caminhada como jornalista, em Goiânia (GO), e vindo para a Unicamp para fazer a tão sonhada

pós-graduação em jornalismo científico no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor).

Terminada a especialização, que durou um ano e meio, e que inaugurou minha vida no mundo da ciência, vi-me sem perspectivas, pois não havia emprego como jornalista científica, como eu imaginava, e assim me tornei professora de jornalismo na PUC-Campinas, o que durou por alguns anos, entre idas e vindas, com contratos temporários. Com o passar do tempo, decidi tentar o mestrado na Faculdade de Educação, onde fui ficando, ficando, e onde ainda estou... Sei que é um desafio mergulhar em outra área e vejo minha entrada na Educação como uma ampliação de foco ou de campo, que tem trazido ricas contribuições. A Educação me ajuda a pensar a Comunicação e vice-versa. Acredito que, aqueles que pensam o contrário, estão equivocados, embora eu respeite seus pontos de vista.

O desejo de fazer parte do doutorado no exterior surgiu à medida que a pesquisa foi se desenvolvendo e a ida para Cambridge foi um mero acaso. A tese, intitulada "O leitor através do espelho – E o que ele ainda não entornou por lá!", está focada na análise do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997 pelo Ministério da Educação (MEC), com o apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Secretaria de Educação Básica (SEB), para a distribuição de acervos literários a todas as escolas públicas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, bem como de Educação de Jovens e Adultos, cadastradas pelo censo escolar realizado, anualmente, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O PNBE é um dos suportes do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e, com o evoluir da investigação, foram se desenovelando as políticas de estímulo à leitura nas escolas públicas brasileiras. Ao me embrenhar nessa problemática, começou a ficar evidente algo nem tão novo, mas que se tornou chamativo para mim, enquanto pesquisadora, que é o fato de se observar que, entre o momento em que o livro é enviado, despachado, e o momento de sua chegada à escola, há um espaço de silêncio. É esse estado de não pronunciamento da leitura, da palavra, é esse não encontro do leitor com o livro e do livro com o leitor, em uma espécie de simbiose prometida e não

cumprida, por que perpassa a constituição do tecido da tese “O leitor através do espelho – E o que ele ainda não encontrou por lá!”<sup>1</sup>.

Com o tempo da pesquisa a correr rápido, como na história de Alice na Casa do Espelho, muitas vezes eu também tinha a sensação de que corria, corria e não chegava a lugar nenhum. Mas, felizmente, era só impressão. Contudo, por mais que a pesquisa científica tenha sua beleza em termos de estar em um movimento constante, e dialético, com o mundo, não há beleza alguma na situação em que se encontra a questão da leitura nas escolas públicas brasileiras. Se antes não havia bons livros de literatura, hoje há, e muitos, mas eles não são lidos. Diante desse espelho embaçado da escola pública brasileira, veio à tona a seguinte questão norteadora da tese: “Finalmente, se distribuir livros não forma leitores, então qual deve ser o rumo das políticas para o fomento da leitura no Brasil?”

Diante das inúmeras perguntas e dúvidas, ao trabalho de pesquisa documental foi acrescentado o estudo *in loco* em duas instituições públicas de ensino em Campinas (SP), pois nelas foram encontrados livros do PNBE e era onde se fazia algum tipo de uso dos acervos enviados pelo Ministério da Educação (MEC). A escolha das escolas se deu depois de visitas a várias outras escolas, onde foi possível observar que os livros do PNBE raramente são lidos pelos alunos, professores e funcionários e são praticamente desconhecidos pela comunidade escolar.

Uma das escolas selecionadas é a Escola Estadual “Professor Milton de Tolosa”, localizada na rua Maestro Salvador Bueno de Oliveira, no Jardim Leonor, que funciona em três turnos – matutino, vespertino e noturno –, com uma média de quatrocentos alunos em cada turno, com turmas do Ensino Fundamental (tarde): 6º ao 9º ano; Ensino Médio (manhã): 1º ao 3º ano; e Ensino de Jovens e Adultos (Ensino Médio): 1º ao 3º termo (noite). A outra escola é a “Prefeito Antônio da Costa Santos”, situada na Rua Guerini Donega, no Jardim Planalto de Viracopos, com aulas nos três turnos – matutino, vespertino e noturno –, a escola também possui em torno de 400 alunos por

---

<sup>1</sup> A tese pode ser acessada no site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU). O caminho de acesso mais fácil é pelo <http://acervus.unicamp.br/>

turno e oferece turmas do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, e do Ensino Médio, do 1º ao 3º ano.

As duas escolas foram escolhidas para as pesquisas porque eram as únicas, em Campinas (SP), que foram selecionadas para participar do Programa “Sala de Leitura” da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, criado em 2009 pela Resolução SE - 15, de 18-2-2009, que “dispõe sobre a criação e organização de Salas de Leitura nas escolas da rede estadual de ensino”, e que define que a escola é um “espaço privilegiado de incentivo à leitura como fonte de informação, prazer, entretenimento e formação de leitor crítico, criativo e autônomo”. Nas escolas pesquisadas, os acervos do PNBE eram usados para compor as estantes das Salas de Leitura e as professoras promoviam algum tipo de uso dos livros enviados pelo Governo Federal.

O trabalho de campo na escola “Professor Milton de Tolosa e Antônio da Costa Santos”, feito sistematicamente entre 2009 e 2011, permitiu o levantamento de todo o acervo que se encontrava nas prateleiras para a identificação de cada exemplar por título, autor, ano, gênero e programa governamental a que pertence, bem como para o acompanhamento das atividades das Salas de Leitura. As visitas às escolas permitiram traçar um perfil do Programa “Sala de Leitura” e encontrar vestígios de uso dos acervos do PNBE e sua correlação com as políticas de leitura estaduais. À medida que a pesquisa tomava corpo no Brasil, emergia a ideia de ampliar os estudos no exterior.

**Ler ou não ler? Eis a questão** – Depois de inúmeras buscas por grupos de pesquisa em universidades de diferentes países e continentes, com o envio de e-mails, em que a maioria sequer era respondida, surgiu o PLACE, na Inglaterra. O processo foi demorado, exigiu trabalho e dedicação, especialmente para obter a bolsa da Capes, ser aprovada no teste de Inglês, cuja média exigida era alta, mas, felizmente, deu tudo certo! Fui a Marte (assim me soava sair do próprio País pela primeira vez) e voltei sã e salva. E, por pura coincidência do destino, fui parar na terra de Lewis Carroll (1832-1898), eu que tinha me inspirado em *Através do espelho – E o que Alice encontrou por lá* como metáfora que me guiou por toda a tese.

Não fui ao Reino Unido para fazer comparações entre as duas realidades, a brasileira e a inglesa, mas porque havia o interesse em conhecer como o governo britânico lida com a questão da leitura nas escolas públicas. Aqui já sabíamos que o PNBE é um programa de distribuição de livros ímpar, que envia acervos de qualidade às escolas públicas e, infelizmente, também sabíamos que na maioria dessas escolas os livros não são lidos, as caixas sequer são abertas, aliás, muitos desses acervos se perdem sem que ninguém consiga encontrar vestígios.

A ida ao exterior para o desenvolvimento da pesquisa na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge (Reino Unido) permitiu a ampliação dos conhecimentos sobre a temática da distribuição de livros e das políticas de leitura. Embora tenham sido investigadas e analisadas situações distintas, foi possível identificar algumas características similares e outras bastante distintas quanto ao uso do livro e do encaminhamento das políticas de estímulo à leitura em escolas públicas nos dois países. O que fica claro é que, ao contrário do Brasil, a leitura é tratada com seriedade pelo governo britânico e as condições das escolas públicas britânicas são, de longe, incomparavelmente melhores do que as brasileiras.

Uma das razões para ir à Faculdade de Educação de Cambridge foi a relevância dos estudos desenvolvidos pelo grupo *Pedagogy, Language, Arts & Culture in Education* (PLACE), considerado uma referência em pesquisa na área de educação. O PLACE Group dedica-se, principalmente, a temas epistemológicos, socioculturais e filosóficos relacionados ao ensino e à aprendizagem, à literatura infantil e aos livros produzidos para crianças e adolescentes. Os professores que pertencem ao PLACE atuam em campos diferenciados da educação, que abrangem Música e Arte, Língua Inglesa, Drama, Estudos Religiosos, Linguagem, Línguas Estrangeiras Modernas, Arte & Design, Segunda Língua, Design & Tecnologia, Geografia, entre outros. Com o foco nos primeiros anos do ensino, bem como no ensino secundário, esses professores lecionam e investigam sobre as questões que envolvem o dia-a-dia do professor e do aluno, do ensinar e do aprender.

A coordenadora do grupo, Maria Nikolajeva, é, desde 2010, a diretora do The Cambridge-Homerton Research and Teaching Centre for Children's

Literature. Em 2005, ela recebeu o International Brothers Grimm Award pela produção acadêmica em literatura infantil, um dos mais importantes prêmios nessa área. Dentre as obras por ela publicadas estão *Livros ilustrados: palavras e imagens*, em co-autoria com Carole Scott, lançada no Brasil em junho de 2011, no Rio de Janeiro, pela Cátedra Unesco, com a presença de Nikolajeva, em sua segunda visita ao País.

Durante a permanência de doze meses na Universidade de Cambridge, acompanhei as principais atividades que integraram todos os trimestres, ou “Terms”, em que é dividido o período letivo: *Full Michaelmas Term*, de outubro a dezembro de 2011; *Full Lent Term*, de janeiro a março de 2012; e *Full Easter Term*, de abril a junho de 2012. Embora de julho a setembro de 2011 fosse o período de férias de verão, foi possível frequentar a Faculdade de Educação, cotidianamente, e iniciar o levantamento de dados sobre as pesquisas desenvolvidas pelo PLACE, bem como por outros grupos pertencentes à Faculdade de Educação, fazer pesquisa na biblioteca, além de entrar em contato com outros *visiting scholars*, o que, aos poucos, permitiu a familiarização com a Faculdade.

O período de férias de verão também foi um período para a acomodação na cidade e para a efetivação da minha permanência na Faculdade de Educação de Cambridge como *visiting scholar*, o que implicou em receber o cartão de estudante eletrônico, que permitia a entrada e a saída do “The Donald McIntyre Building”, prédio onde funciona a Faculdade de Educação desde 2005, quando passou a funcionar separadamente do Homerton College, o maior *college* em número de alunos em Cambridge e um dos mais tradicionais, criado em Londres, em 1879, para a formação de professores, e transferido para a cidade de Cambridge, em 1894.

Assim que cheguei à Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, iniciei o levantamento e leitura de artigos científicos sobre leitura e políticas de leitura no Reino Unido, levantamento de órgãos, entidades e instituições, privadas ou governamentais, que desenvolvem pesquisas sobre leitura no Reino Unido, o que exigiu trabalho e persistência. O trabalho do *visiting scholar* na Faculdade de Educação de Cambridge não conta com orientador oficial e cabe ao doutorando pesquisar de forma independente, o que em vários momentos torna o trabalho difícil, porque tudo é novo, o País é

desconhecido, as políticas educacionais de estímulo à leitura – o que era o foco da pesquisa – são complexas e, caso houvesse algum tipo de colaboração oferecida pela Faculdade de Educação, em termos de uma orientação sobre a realidade educacional do país, por exemplo, facilitaria o levantamento de dados e o desenvolvimento da pesquisa.

Assim que se iniciaram as aulas<sup>2</sup>, também começaram as reuniões regulares do grupo de pesquisa PLACE, que envolviam análise dos temas das pesquisas dos mestrandos e doutorandos; apresentação das pesquisas e sua evolução; leitura de livros, realizada nos “Book Clubs”, em que se escolhia um livro para lê-lo e comentá-lo; visita de algum convidado, geralmente de outro país; debate sobre um tema, conduzido pela própria Maria Nikolajeva, como, por exemplo, a leitura de livros para crianças sob diferentes perspectivas teóricas, considerando-se os modelos, os conceitos e teorias, e as ferramentas utilizadas para a análise desses mesmos modelos que são aplicados para a compreensão da leitura, bem como outros eventos e atividades variados.

Dentre as temáticas abordadas nos principais seminários, simpósios e debates organizados pelo PLACE figuraram o cenário internacional da pesquisa em literatura infantil e os caminhos até então percorridos, o que contou com a presença de pesquisadores de outras nações, especialmente de suecos e dinamarqueses, quando foi possível expor a pesquisa sobre o PNBE; a ilustração de livros infantis e juvenis; a edição de clássicos infantis, com Peter Hunt, professor na Universidade de Cardiff, no País de Gales, Reino Unido, e um dos mais respeitados especialistas em literatura infantil no mundo; a apresentação de trabalhos sobre a evolução do alfabeto, o uso de pinturas clássicas, em museus, e livros ilustrados, e a resposta das crianças a esse material, a partir de visita a museus; a utopia de Paulo Freire na educação, entre outros tópicos, todos direcionados à teoria e à prática literária e a atuação do professor-pesquisador nesse processo.

Essas atividades eram complementadas por eventos de maior relevância, como a conferência internacional *The child and the book 2012–Towards common ground: philosophical approaches to children’s literature*, de

30 de março a 1º de abril de 2012, na Faculdade de Educação de Cambridge, com palestras e apresentação de trabalhos sobre literatura infantil. Além de reuniões, debates, seminários, palestras, entre outros, acompanhei aulas na graduação – em um dos prédios do Homerton College onde alunos da Faculdade de Educação assistem aulas – com a professora Morag Styles, reconhecida pela sua atuação na área de literatura infantil, especialmente os clássicos da literatura inglesa, bem como obras modernas, e sua ligação com importantes entidades, entre elas British Library, Arts Council, Book Trust, United Kingdom Literacy Association (UKLA), The International Research Society for Children's Literature (IRSCL) e The International Board on Books for Young People (IBBY). Morag Styles contribuiu com dicas sobre a leitura no Reino Unido no que se refere a entidades que lidam com essa temática.

Em busca de informações sobre as políticas de leitura no Reino Unido, especialmente na Inglaterra, fiz contato com vários professores da Faculdade de Educação, uns respondiam, outros não, e, graças a essa procura, foi possível contar, também, com a ajuda da professora Gabrielle Cliff Hodges, que coordena e leciona nos cursos de Secondary English/English & Drama PGCE, além de colaborar com os cursos de mestrado em literatura infantil. Ela é membra-executiva do United Kingdom Literacy Association (UKLA) e participa da National Association for the Teaching of English, entre outras entidades, e publica textos em parceria com outros pesquisadores, a exemplo de Learning to teach English in the secondary school – A companion to school experience, editado por Jon Davidson and Jane Dowson, cujas informações contribuíram para o objeto de estudo da tese.

A partir da colaboração dessas professoras, ampliou-se o leque da pesquisa, o que permitiu o acesso a informações encontradas nas principais entidades e organizações que controlam o andamento da educação no Reino Unido, bem como contatá-las e fazer visitas pessoalmente. Entre as principais fontes de pesquisa estão o National Curriculum, que foi revisto pelo governo britânico em janeiro de 2011, com mudanças profundas, e que ainda está em fase de assimilação pela comunidade escolar; o Office for Standards in

---

<sup>2</sup> Elas começam no segundo semestre do ano, em outubro, e são finalizadas antes das férias de verão, que se iniciam em julho.

Education, Children's Services and Skills (Ofsted), que regulamenta e fiscaliza a educação, e que publica estatísticas sobre o ensino primário e secundário, sendo uma espécie de radar da educação no Reino Unido; o The National Literacy Trust, uma organização de caridade independente que se propõe a elevar os índices de leitura na Grã-Bretanha e que também publica pesquisas relevantes; e o Booktrust, que estimula a leitura e distribui livros no Reino Unido para crianças, uma parceria entre o governo, a iniciativa privada e a indústria do livro.

Num universo que soava tão distinto do brasileiro, foram inúmeras as tentativas, umas bem-sucedidas, outras nem tanto, de explorar ao máximo a realidade da educação britânica, como a ida ao The Centre for Literacy in Primary Education (CLPE), em Londres, para o levantamento de dados sobre o estímulo da leitura, visto que no CLPE são oferecidos cursos a professores primários das escolas públicas do Reino Unido, com várias temáticas, entre elas, sobre como promover a leitura entre alunos que não gostam de ler. Em janeiro de 2012, matriculei-me no curso Group and Guided Reading KS2, oferecido pelo CLPE e voltado para professores primários, para que encontrem alternativas para lidar com alunos resistentes à leitura. O objetivo era o de mergulhar nos meandros das políticas de estímulo à leitura no Reino Unido, um dos focos da pesquisa, e, assim, em contato com os professores, conhecer de perto os problemas e os projetos que fluem nas escolas públicas relacionadas à leitura. Embora o curso seja pago e o valor cobrado seja alto, valeu como experiência para a aproximação com o espelho da leitura britânica.

As visitas a escolas públicas britânicas não são permitidas com facilidade, porém, em maio de 2012, depois de várias tentativas frustradas com outras escolas, obtive permissão para ir à Mayfield Primary School, uma das maiores escolas primárias de Cambridge, e da Inglaterra, onde há uma biblioteca em funcionamento e que é utilizada pelas crianças. Foi possível conhecer as estratégias de leitura, organizadas pela escola, e acompanhar as crianças durante suas atividades na biblioteca. Essa foi uma experiência enriquecedora, pois em Cambridge não são todas as escolas que possuem biblioteca e também porque não costumam receber pesquisadores. Durante a visita, colhi informações sobre como eles estimulam a leitura e usam os livros

de literatura entre as crianças, visto que a pesquisa em Campinas (SP) é sobre leitura, bibliotecas e salas de leitura em escolas públicas.

Esse contato com a realidade só foi possível porque fui morar na Inglaterra, pois, caso contrário, não teria conseguido essas informações sobre as políticas de leitura no reino Unido, visto que desde janeiro de 2011 o governo britânico instituiu uma série de medidas que modificaram, consistentemente, o funcionamento do ensino na Grã-Bretanha, o que tem gerado dúvidas, angústias, e caracterizado um processo de transição complicado para professores, diretores de escolas e alunos. Acredito que esse tipo de pesquisa só flui estando-se *in loco*, o que reforça, a meu ver, a importância da bolsa de doutorado sanduíche da Capes, um avanço na pesquisa científica brasileira.

O acompanhamento de aulas e atividades na Faculdade de Educação de Cambridge e em outros *colleges* que integram a Universidade de Cambridge, a participação em seminários, conferências, aulas, curso, bem como o levantamento de dados nas bibliotecas da Faculdade e do Homerton College, o contato com autores de livros e pesquisas sobre a educação, a leitura e a escola pública no Reino Unido, o contato com diretores de escolas públicas e professores, possibilitaram à doutoranda conhecer de perto a realidade do ensino e da leitura no Reino Unido, o que enriqueceu de maneira ímpar a pesquisa desenvolvida sobre leitura.

A bolsa PDSE da Capes representa uma excelente oportunidade de ampliar os horizontes da pesquisa nacional na área de educação e permite, ainda que com certa dificuldade, mostrar no exterior o que se produz no Brasil. Por esta razão, tenho me empenhado em publicar artigos, fazer palestras na Universidade, para descrever minha experiência como bolsista Capes no exterior, com o objetivo de estimular outros doutorandos a pesquisar fora do País, visto que é uma oportunidade única, oferecida pelo Ministério da Educação, de se formar profissionais qualificados na pesquisa, dentro e fora do Brasil, especialmente na área de Educação, que é tão pouco provida de recursos e de oportunidades para os estudantes e pesquisadores.

Acredito que vale a pena correr o risco de se fazer pesquisa no exterior. A Universidade de Cambridge, por exemplo, não abre mão da cobrança de uma taxa chamada Bench Fee, que era de 3,6 mil libras por um

ano de estudos quando estive por lá, cobrada de todos os *visiting scholars*, visto que o ensino superior público na Inglaterra é pago por todos os estudantes, sejam ingleses ou estrangeiros, da graduação ou da pós-graduação. O pagamento de tais taxas não faz parte do valor da bolsa Capes, o que implica em fazer muita economia e completar do próprio bolso para poder viver num país em que o custo de vida é considerado um dos mais altos da Europa e do mundo.

O custo dos aluguéis em Cambridge também é alto e varia de 600 a 900 libras mensais para os estudantes, praticamente quase o valor da bolsa à época. Isso significa que, antes de ir ao exterior, o candidato deve estar atento ao custo de vida da cidade para onde irá. Em níveis gerais, levando-se em consideração o plano inicial da pesquisa e os resultados obtidos, pode-se concluir que o processo foi de uma riqueza que superou as expectativas, pois a experiência do doutorando sanduíche não só contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa, como pude ir além, o que comprova a importância do PDSE-Capes na formação dos doutorandos brasileiros e na sua qualificação como futuros profissionais, que reverterão ao País os conhecimentos obtidos durante o curso no País de origem e também no exterior. Uma das vantagens do PDSE é permitir que o estudante esteja *in loco*, o que o põe em contato direto com a realidade, com o humano e, assim, o acesso às informações se torna mais completo, complexo, e se traduz em conhecimento e aprendizagem que enriquecem a tese e a experiência como aluno em processo de formação e ser humano.

Esta pesquisa de doutorado, na minha opinião, trouxe como principal contribuição o avanço sobre os estudos relativos aos programas de distribuição de livros no Brasil, um tema novo e ainda pouco explorado, visto que o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997 e os acervos começaram a ser entregues às escolas em 1998, ou seja, há 15 anos. Desde então, o PNBE passou por várias mudanças, mas permanece como um dos mais relevantes programas de distribuição de livros do mundo. Contudo, a sobreposição de políticas públicas de leitura dentro das esferas federal, estadual e municipal, como foi possível identificar a partir da investigação, cria um impasse para a efetivação dos mediadores de leitura - professores,

bibliotecários -, que poderiam atuar dentro das escolas e contribuir para a formação de leitores. Esse é um problema-chave da Política Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e denota o seu descompasso com o PNBE, pois o mesmo governo que envia milhões de livros às escolas públicas é o mesmo que não forma mediadores de leitura, o que relega ao Brasil à posição de um dos países do mundo com mais baixo índice de leitura e de leitores.

Se tive a sorte de ir parar em terras de Alice, como disse anteriormente, também não posso reclamar de ter podido caminhar pelas mesmas ruas onde estudou o físico e matemático inglês Isaac Newton (1642-1727), que foi aluno no Trinity College, em Cambridge. Quando visitei a Wren Library, que fica no prédio do Trinity, pude ver alguns pertences de Newton: a cadernetinha onde anotava os gastos com a vida de estudante, alguns fios de cabelo, a bengala, uma carta polêmica a um físico importante... Andando pelas ruas, também vi, um *pub* que leva o nome do cientista. Acho que são, mesmo, coincidências da vida porque, embora meu orientador seja químico, a professora Zezinha, que coordena o grupo, é da área de Física e, nos meus anos todos de GepCE, o que mais ouvi falar nas nossas reuniões foi em Einstein, Newton, entre outros.

Não sei se Newton foi feliz em Cambridge, mas seus estudos, sem dúvida, ficaram como um marco indelével na história da humanidade, o que revela o papel da ciência como uma espécie de busca por aquilo que não se conhece ou, se se conhece, pretende-se aprofundar mais e mais. Para mim, pesquisar no exterior foi um mergulho em um mundo tão distinto e, ao mesmo tempo, tão parecido com o nosso. Por aqui, fica a sensação de que o problema da leitura no Brasil se tornou uma espécie de *naturalização* das coisas, da manutenção do *status quo*, em uma espécie de zona de conforto para os governantes, o que faz parecer que não ler é algo normal, o que nos leva a uma incógnita: afinal, a quem compete a leitura - e seus entraves?

Para terminar, deixo aqui um trecho de *Através do espelho – E o que Alice encontrou por lá*, que reflete o instigante mundo da Casa do Espelho, com seus personagens tão irreais e, ao mesmo tempo, tão humanos. No final das contas, dá até para começar a pensar que viver às avessas pode não ser tão ruim...

"Viver às avessas!" Alice repetiu em grande assombro. "Nunca ouvi falar de tal coisa!"

"...mas há uma grande vantagem nisso: a nossa memória funciona nos dois sentidos."

"Tenho certeza de que a *minha* só funciona em um", Alice observou. "Não posso lembrar coisas antes que elas aconteçam."

"É uma mísera memória, essa sua, que só funciona para trás", A Rainha observou.

"De que tipo de coisas você se lembra melhor?" Alice se atreveu a perguntar.

"Oh, das que aconteceram daqui a duas semanas", a Rainha respondeu num tom displicente. "Por exemplo, agora", ela continuou, enrolando uma larga atadura no dedo enquanto falava, "há o Mensageiro do Rei. Está na prisão agora, sendo punido, e o julgamento não vai nem começar até quarta-feira que vem, e, é claro, o crime vem por último."

"E se ele nunca cometer o crime?" disse Alice.

"Tanto melhor, não é?", a Rainha retrucou, prendendo a atadura em volta do dedo com um pedacinho de fita.

Alice achou que *isso* era inegável. "Claro que seria muito melhor", disse, "mas não seria muito melhor para ele ser punido."

"*Nisso* você está completamente errada", disse a Rainha.

"*Já* foi punida alguma vez?"

"Só pelo que fiz de errado", respondeu Alice.

"E isso só *lhe* fez bem, eu sei!" disse a Rainha, triunfante.

"Sim, mas eu tinha *feito* as coisas pelas quais fui punida", disse Alice, "isso faz toda a diferença".

"Mas se não as tivesse feito", continuou a Rainha, "teria sido melhor ainda; melhor e melhor e melhor!" Sua voz foi ficando mais aguda a cada "melhor", até que por fim se transformou num guincho (CARROLL, 2002, p. 189-190).

## REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho**. Edição comentada. Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 303p.